

ORLA DO FLAMENGO AO CENTRO - MORRO DA VIÚVA

O primeiro nome dado a este penedão foi "Mont Henry", dado pelos franceses de Villegaignon. Sua nomenclatura atual originou-se do fato deste morro ter pertencido, no século XVIII, a D. Joaquina Figueiredo Pereira de Barros, viúva de Joaquim José Gomes de Barros.

Em 1863, com a ocorrência da Questão Christie foi construída neste morro uma bateria objetivando defender a enseada de Botafogo, Flamengo até o Passeio Público. Pertenceu, durante muitos anos, ao Comendador e construtor Antônio Januzzi, que dele extraiu pedras para suas obras em toda a cidade até meados de 1920. O Obelisco da avenida Rio Branco foi confeccionado com pedras deste morro. Em 1922 foi circundado pela avenida Rui Barbosa, sendo, então, loteado.

Na ocasião foi erguido o prédio do Hotel Sete de Setembro, hoje propriedade da UNE.

PRAIA DO FLAMENGO E A CARIÓCA

A Praia do Flamengo teve esse nome, segundo uns, devido à existência de aves pernaltas Flamingos no local. Segundo outros, por ali ter ocorrido uma tentativa de tomada da cidade do Rio de Janeiro, a 05 de fevereiro de 1599 pelas tropas desembarcadas da esquadra holandesa chefiada por Olivier Van Noort, tendo sido frustrada tal iniciativa e os invasores capturados. Os portugueses costumavam denominar todos os holandeses de "flamingos", daí o topônimo "Praia dos Flamingos", deturpado por metáplasma popular para "do Flamengo". Parece ser esta a única versão documentada, passando a primeira como fruto da poesia popular. Até então esta orla era conhecida como Praia do Sapateiro, em lembrança a seu antigo morador, o sapateiro Sebastião Antônio Gonçalves. Entretanto, Sebastião não foi o primeiro homem branco a ali residir.

Ainda em 1503, foi em suas areias fundada uma feitoria por Américo Vespúcio, que efetuou um desembarque na orla e construiu uma casa de pedra, próximo à foz de um riacho. Os índios Tamoios, desconfiados daquela construção, chamavam-na "Carioca", que em tupi significa "Casa de Branco", denominando os que ali residiam por este topônimo, depois extensivo ao rio lateral e a todos os moradores deste lado da baía. O primeiro "carioca" ali destacado, foi o minhoto João de Braga, que nela residiu até 1511. Foi neste último ano substituído por João Lopes de Carvalho, que parece ter-se divertido um pouco mais, pois quando reembarcou em 1519, na frota de Fernão de Magalhães, levou consigo um filho que tivera com uma índia do lugar. Esta casa, a primeira da futura cidade, foi erguida próxima ao morro da Viúva, à época, sem denominação. Nela residiu, de 1555 a 1557, o líder Calvinista Jean de Lery. Em 23 de julho de 1565, o Governador Estácio de Sá a utilizou como marco de definição da sesmaria da cidade. De 1568 a 1574 nela residiu o juiz Pedro Martins Namorado, primeiro presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, tendo, neste último ano, sido vendida a propriedade ao sapateiro Sebastião Gonçalves, cujo ofício serviu de batismo da praia até 1599.

Já no século XVII, dela só existiam ruínas. Segundo alguns historiadores, ficava exatamente onde hoje é a esquina da rua Cruz Lima com a Praia do Flamengo. Quanto ao Rio Carioca, alguns autores contestam a origem do nome, alegando que a toponímia seria uma corruptela do indígena "acari-oca", ou seja, casa do Acari, o vulgamente conhecido peixe "Cascudo" (Anostomus Plecostomus), um anostomídeo muito comum nos rios da Guanabara. Tal alegação não procede, pois os anostomídeos, aí se incluindo o "Cascudo", são peixes de água bastante ácida, enquanto que a água do rio Carioca é alcalina.

Diziam os índios que quem bebia das águas do rio Carioca ficava com boa voz para cantar e recuperavam o vigor perdido, ficando as mulheres que dele sorvessem mais fofas. Hoje, o Carioca serve de esgotos a vários bairros, com o Santa Teresa, Cosme Velho, Laranjeiras, Catete e Flamengo, não se recomendando mais suas águas para beber.

BARRO DO FLAMENGO

A Praia do Flamengo, que no tempo de Mem de Sá era a Praia de Uruçumirim, já se chamou Praia do Sapateiro, da Carioca, da Aguada dos Marinheiros e da Sapocaíoba. O nome de Flamengo veio dos pássaros que viviam em seus arredores chamados flamingos ou flamengos. Antes da existência da Cidade, as águas do Rio Carioca já eram bem conhecidas, porque em sua foz, os navios vinham se abastecer com água fresca, por isto se chamou Aguada dos Marinheiros. O Rio Carioca depois de serpentejar do Cosme Velho, através de Laranjeiras e do Catete, passando pela atual Rua Senador Vergueiro ia desembocar na Praia perto de onde hoje termina a Rua Cruz Lima, onde existiu uma casa de pedra que deu nome ao Rio.

Somente no século XIX o Flamengo se converteu em um bairro residencial de alta categoria, mas mesmo assim ainda tinha um trecho que era praticamente ofundo dos quintais das casas da Rua do Catete e da Rua Senador Vergueiro. Com a abertura da Avenida Beira Mar, em 1905, ligando o Centro a Botafogo, a Praia começou a ganhar seu aspecto atual. Nesta época ela possuía uma murada de pedra que separava a Avenida do mar. Em 1964 a região ganhou o Aterro do Flamengo, no Governo de Carlos Lacerda. Hoje, o Flamengo é um Bairro residencial que possui mais de sessenta mil moradores e um importante comércio.

URBANIZAÇÃO DO PARQUE DO FLAMENGO - ATERRO DO FLAMENGO

Proposta urbanística de reorganização viária e paisagística da orla da cidade, entre o centro e a zona sul. A área, com cerca de 1.200 mil m², foi conquistada ao mar entre 1954-65 com material proveniente do desmonte do morro de Santo Antônio, na área central. O projeto elaborado em 1962 tira partido da situação privilegiada que reúne ao mesmo tempo o cenário das montanhas e o mar. A proposta do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, que na época exercia a direção do Departamento de Urbanismo da Prefeitura, era criar um grande parque urbano, cortado por vias expressas de ligação centro-zona sul. No plano original, parcialmente executado, estavam previstos locais e instalações adequadas para prática de esportes, espetáculos diversos, piqueniques, restaurantes, etc., beneficiando várias faixas etárias. A segurança dos pedestres foi assegurada por passagens subterrâneas e passarelas dispostas ao longo do parque. A concepção paisagística foi entregue a Burke Marx, e em muito contribuiu para o enriquecimento do conjunto, já que a área ajardinada corresponde a mais de 900m². Foi inaugurado a 12 de outubro de 1965 e até 1980 era o maior parque urbano do mundo. O Parque Governador Carlos Lacerda e Brigadeiro Eduardo Gomes, nomenclaturas corretas do logradouro, apresenta ao longo de sua área importantes atrativos turísticos, entre os quais:

MUSEU DE ARTE MODERNA - AV. INFANTE D. HENRIQUE S/N - ATERRO

A dinâmica do programa incentivou o arquiteto Affonso Eduardo Reidy na busca de soluções extremamente criativas e avançadas para a época (1953), o que resultou numa das obras fundamentais da arquitetura moderna brasileira. Foi critério básico do projeto evitar que a implantação do edifício, em área aterrada, perturbasse a harmonia do entorno, composta pela Baía de Guanabara e pela silhueta do Pão de Açúcar. Este respeito à paisagem motivou solução predominantemente horizontal, em contraposição ao perfil movimentado pelas montanhas. Organizou-se o conjunto em três blocos: museu, escola e teatro (não concluído). O corpo do museu se impõe aos anexos por suas dimensões e pela volumetria marcante, com solução estrutural semelhante a adotada por Reidy para o projeto do colégio Paraguai-Brasil. Este bloco, concluído em 1967, foi concebido de forma a manter livre o pavimento térreo, permitindo à visão atravessá-lo sem obstáculos. Especial atenção foi dada à galeria de exposições, projetada com área de aproximadamente 3.400 m², livre de pilares, com total flexibilidade na utilização de espaços. Seu piso repousa sobre uma das pontas do pilar em "V", enquanto a laje de teto é suspensa por tirantes de aço até a viga transversal que, unida aos

pilares laterais, forma o arco predominante em toda a composição. Os jardins que circundam o edifício, bem como o terraço-jardim situado na cobertura do bloco-escola são de Burle Marx. Em 1978, um incêndio destruiu o bloco de exposições e o acervo, de valor incalculável, tendo como consequência a perda de 950 peças, entre as quais obras de Picasso, Salvador Dalí, René Magritte, Jackson Pollock, Torres García, Portinari e Di Cavalcanti.

MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA 2^A. GUERRA MUNDIAL

Localizado na Avenida Infante Dom Henrique, no Parque do Flamengo, na Glória, em frente à Praça Paris. Teve sua construção iniciada graças ao Marechal Mascarenhas de Moraes, em 24 de junho de 1957, terminando exatamente três anos depois e sendo inaugurado a 05 de agosto de 1960. Seu projeto de construção foi de autoria dos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Netto, escolhido em concurso público nacional. O monumento, com 6.850 m², custou 115 milhões de cruzeiros. Está situado numa praça ajardinada, com 10 mil metros quadrados (Praça Pistóia) e é constituído de três planos: subsolo, patamar e plataforma. No subsolo, com 1.600 m², estão localizados o Mausoléu, a Administração e os Alojamentos da Guarda.

O Mausoléu, pavimentado com granito de Ouro Preto, com as paredes laterais revestidas em quartzito verde e as do topo com granito preto, lustrado e mármore floresta serrado. Este Mausoléu acha-se dividido em duas partes distintas, estando numa delas, 468 jazigos, agrupados em 11 quadras alternadas, divididas por uma floreira de alumínio anodizado, em negro, revestidos de granito preto e com lápides de mármore de Carrara. Destes 468 jazigos (4 marinhos, 7 aviadores e 457 soldados), 15 não possuem identificação, achando-se vazios 2 deles e 13 com a seguinte inscrição: "Aqui jaz um herói da FEB - Deus sabe seu nome". Na parede lateral esquerda, encimando o quartzito verde, estão gravados em mármore, os nomes dos 1.121 mortos da Marinha Mercante e da Marinha de Guerra, vítimas de torpedeamento e os soldados do Exército não identificados na Campanha da Itália. O mais velho contava 40 anos e o mais moço 19. Os soldados Antenor Ghirlanda (SP), Atílio Pifer (SP) e Constantino Maroqui (PR), foram os primeiros a falecer em ação, a 21 de setembro de 1944, quinze dias após o início das operações de guerra.

No patamar estão: o museu, jardim interior, lago artificial, 01 conjunto de mastros e 02 enormes painéis de cerâmica, feitos pelo artista Anísio Medeiros para homenagear as marinhas de guerra e mercante.

A plataforma, de concreto armado, a 03 metros do solo, é atingida por monumental escadaria, com 30 metros de largura e 26 degraus. Tem o formato de um "L" maiúsculo e nela são encontrados: o pórtico monumental, inspirado nos monumentos funerários da pré-história; o painel metálico, de autoria de Júlio Catelli Filho, representando a Força Aérea Brasileira; o túmulo do Soldado Desconhecido, com a pira eterna; a pirâmide triangular, com os nomes dos realizadores do Monumento; e, finalmente, o grupo escultórico, de autoria de Bruno Giorgi, homenageando as três Forças Armadas.

Este Monumento é guardado pelas três Forças Armadas do País, que se revezam às 12:00h do dia 1º de cada mês, numa "rendição da guarda", que se constitui num dos mais belos espetáculos cívico-militares da cidade. Visitado diariamente por centenas de pessoas, do País e do Exterior, não passando em momento algum a idéia de que seja um monumento aos mortos, e sim à vida eterna.

HÉLIO RIBAS MARINHO – DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, nasceu em Belém do Pará em 1924. Graduado pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio em 1948. Autor, em colaboração com Marcos Konder Netto, do projeto do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Parque do Flamengo (1955/60). Projeteu o Banco da Amazônia em Belém, Pará. Autor de muitos projetos de

albergues para imigrantes no Vale do São Francisco. Projetou e construiu muitas residências na Cidade do Rio de Janeiro e em Correias, Petrópolis. Professor da Faculdade Nacional, da Universidade Santa Úrsula e de outras instituições.

Durante o regime militar foi proibido de exercer o magistério.

ANÍSIO DE ARAÚJO MEDEIROS – DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, desenhista, pintor e cenógrafo, Anísio Medeiros nasceu no Piauí, em 1922. Realizou sua primeira exposição de pinturas em 1944. Formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura em 1948. Conquistou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna (1956). Premiado na VIII Bienal de São Paulo com um trabalho de cenografia (1966). Autor dos três painéis (dois trabalhos em cerâmica sobre as marinhas de guerra e civil, e um grande afresco sobre a guerra e a paz) no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (1960). Exerceu o magistério de artes na Universidade Santa Úrsula (1977).

Já é falecido.

MONUMENTO AO MARECHAL DEODORO - PRAÇA DEODORO

Entre o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial e o Passeio Público existe a Praça Deodoro, desmembrada da Praça Paris. Nela encontra-se o Monumento ao Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, em bronze e granito, com muitas figuras históricas na base. Foi mandada erigir pelo Governo Federal. Fez o projeto do Monumento e execução da obra o escultor Modestino Kantô, sendo inaugurada a 15 de novembro de 1937.

Fez o discurso inaugural do Monumento ao Marechal Ilha Moreira, ex-ajudante de ordens do Marechal Deodoro.

PRAÇA PARIS - CENTRO/GLÓRIA

Esta praça arborizada e florida com jardins em estilo renascimento francês foi elaborada de 1928 a 1930 pelo arquiteto e urbanista Domat Alfred Agache, que veio ao Brasil convidado pelo Prefeito Antônio Prado Júnior para elaborar um plano de remodelação da cidade. A fonte central jorrava água por quatro repuxos, originalmente colorizados por luzes com as cores da bandeira nacional francesa. Pequenas estátuas decorativas francesas complementam o conjunto, que foi restaurado e gradeado em 1992.

MONUMENTO AO ALMIRANTE BARROSO – PRAÇA PARIS - GLÓRIA

Foi inaugurado a 19 de novembro de 1909. É de autoria do escultor Corrêa Lima. Sobre um pedestal de granito branco de Petrópolis, encontra-se a estátua de Barroso, em bronze, com 04m de altura, representando em atitude triunfal no passadizo de comando. Na coluna, em cada face lateral, vemos duas figuras aladas, representando a Pátria e a Vitória, ambas sobre duas proas em bronze. Na frente do pedestal, um baixo relevo em bronze retratando a Batalha Naval do Riachuelo. Quatro medalhões nos ângulos perpetuam as efigies de Oliveira Pimentel, Pedro Afonso, Andrade Maia e Lima Barros; encadeando esses medalhões, os nomes dos navios e dos comandantes que tomaram parte na batalha. Dois medalhões abaixo: são de Greenhalgh e Marcílio Dias.

No pedestal encontram-se os restos mortais do Almirante.

MONUMENTO A VARNHAGEN – PRAÇA PARIS

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em São Paulo, a 17 de fevereiro de 1816. Seu pai, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, oficial alemão, viera ao Brasil contratado para administrar a fábrica de ferro de Santana de Ipanema. Aqui Francisco fez seus primeiros estudos. Depois seguiu com a família para Portugal, onde se matriculou no Colégio Militar de

Lisboa. Ocorrendo a luta pela restauração constitucional daquele país, alistou-se como voluntário nas fileiras do exército de D. Pedro IV (1833). Finda a luta, inscreveu-se no Curso de Engenharia que concluiu em 1840, ano em que voltou ao Brasil. Seu apreciável talento lhe proporcionou o ingresso na carreira diplomática; serviu nas legações brasileiras de Lisboa, Madri, Peru, Chile e Viena onde faleceu.

Homem de superior cultura; seu nome figura entre os dos mais belos espíritos da época. Na História Literária Portuguesa ocupa lugar de honra pelo mérito de seus eruditos trabalhos de investigação. De sua bibliografia ressaltam: "Notícias do Brasil"; "Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas", trabalho este elogiado pela Academia Real das Ciências.

Colaborou no periódico "Panorama", com artigos e estudos históricos.

Em Madri escreveu "Memorial Orgânico", em que advogou a idéia de uma constituição administrativa do Brasil, que tivesse por base sua divisão em departamentos. Quando no Chile, apresentou à Academia daquele país "La Verdadera Guanahani de Colón". Em Lima, publicou em francês, memórias sobre Américo Vespúcio. Na Áustria, escreveu o célebre "Cancioneiro do Vaticano". As numerosas pesquisas que realizou e o acendrado amor à verdade histórica imprimiram-lhe aos trabalhos o cunho de autenticidade.

Em 1878, o Imperador do Brasil, em testemunho de apreço àquele historiador, geógrafo, escritor, matemático, militar e diplomata, agraciou-o com o título nobiliárquico de Barão e pouco depois com o de Visconde de Porto Seguro. Dias depois falecia na Áustria, a 29 de junho de 1878.

Pertenceu Varnhagen ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Real Academia de Ciências de Lisboa.

Aliás, foi o nosso Instituto Histórico que encomendou esse monumento em bronze e granito em 1941 ao artista nacional José Otávio Correia Lima.

EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS DO PARQUE DO FLAMENGO

Dentro da proposta urbanística de reorganização viária e paisagística, estabelecida pelo projeto para o Aterro do Flamengo, enquadraram-se os equipamentos comunitários de requintada concepção arquitetônica, do próprio arquiteto Affonso Eduardo Reidy. Os dois pavilhões de recreação, o coreto, e a pista de espetáculos ao ar livre, foram projetados em concreto armado, com linguagens plásticas semelhantes. Houve a preocupação de valorizar cada equipamento com um volume significativo, coerente com o conjunto de obras do entorno. Integra ainda o plano de Reidy o viaduto em frente ao Museu de Arte Moderna, obra viária das mais elegantes, cuja estrutura em concreto protendido (100m de comprimento, 10m de largura e 50m de vão) se lança suavemente em curva sobre a pista e pousa entre os jardins de Burle Marx.

MARINADA GLÓRIA - AV. INFANTE D. HENRIQUE S/NO. - PQ. DO FLAM.

A ampla área criada com o aterro do Parque do Flamengo foi destinada à construção de espaços para lazer com diversos equipamentos comunitários, restaurantes e marina, esta última projetada por Amaro Machado em 1976-78, e implantada em frente à enseada da Glória. O nível do aterro existente, com 5m acima da maré média, foi considerado inadequado à finalidade do programa, tendo sido a cota geral reduzida para 2m. Neste nível foi implantada a sede, num só pavimento, com dependências para administração, treinamento, serviços de apoio e comercialização de artigos náuticos e depósito para 144 barcos de diversas categorias até 18 pés. Sua cobertura é um terraço-jardim que se prolonga pela praça, determinando uma interação com o meio, o que traduz o cuidado do arquiteto em não agredir a paisagem. Foram projetados ancoradouros para 200 barcos de vários tamanhos, cada um com instalações independentes de água e luz. Dentre os barcos ali amarrados, são atrações turísticas: o latic

Lady Laura III, de Roberto Carlos; o Iate Casablanca, da Saveiro's Tour, e outros. Possui estacionamento próprio.

RESTAURANTE PORCÃO RIO'S - AV. INFANTE D. HENRIQUE, S/N.

O restaurante integra-se ao projeto de urbanização para o Parque do Flamengo, tombado pelo IPHAN. Na elaboração do projeto, em 1978, a falta de um programa definido levou o arquiteto Marcos Konder Netto a uma concepção que admitisse grande flexibilidade de uso. Assim, foram previstos restaurante, salão de banquetes e recepções e bar. O terreno plano, debruçado sobre a Baía de Guanabara, induziu a um partido que favorecesse o desfrute da vista. Para reforçar tal objetivo, o piso do restaurante foi elevado 1,20m em relação ao nível do terreno, permitindo a criação de um nível semi-enterrado onde se localizam os serviços de apoio. A cozinha foi estrategicamente localizada no centro do prédio, de modo a servir a todos os setores, sem cruzamento de circulações. Uma vez que o prazo de execução era um fator fundamental, optou-se por uma solução estrutural modulada, com vãos de 5m x 5m, em concreto aparente. Elemento marcante no conjunto, a cobertura em "cascas" de concreto armado, tipo abóbada de aresta, fechadas lateralmente por placas translúcidas em tom amarelado, cria internamente uma atmosfera atraente, e compõe com as vigas perimetrais, em arco abatido, que delimitam as varandas. O volume cilíndrico do castelo d'água, em concreto aparente, afiora do teto do restaurante em contraposição à horizontalidade dominante.

MONUMENTO A ESTÁCIO DE SÁ - MORRO DA VIÚVA - FLAMENGO

Inaugurado em 01^o de março de 1973, todo em pedra do Rio de Janeiro, tendo sido projetado pelo arquiteto Lúcio Costa. Possui dois níveis. No inferior, está uma cópia do marco de fundação da cidade e a réplica da campa mortuária de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro (1542-1567). No andar superior, o marco comemorativo em forma de pirâmide, sendo que um dos vértices aponta para o morro Cara-de-Cão, local histórico da fundação. Era para também servir de mausoléu ao fundador, mas os Padres Capuchinhos, guardiães das relíquias do primeiro Governador, não cederam os restos mortais, alegando ser disposição testamentária de Estácio ser sepultado naquele solo sagrado.

CARLOS LACERDA – O GOVERNADOR DA GUANABARA

Jornalista, político, literato e homem de negócios, Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no sobrado no. 41 da Rua Alice, em Laranjeiras, a 30 de abril de 1914. Era filho do famoso jornalista e político Maurício de Lacerda, um dos líderes civis da Revolução de 1930. Não chegou a formar-se, abandonando o curso de direito no 4^o ano. Durante a adolescência, militou no Partido Comunista, sendo preso em 1935 por sua participação passiva na Intentona Comunista de novembro daquele ano. Na ocasião, refugiado em Vassouras, escreveu um ensaio virulento contra a figura do Duque de Caxias, símbolo do exército.

Posteriormente, depois de 1945, rompeu com o comunismo, ao qual passou a atacar e combater em artigos no jornal Observador Econômico, e assim procedeu pelo resto de sua vida. Trabalhou nos Diários Associados e no Correio da Manhã.

Elegeu-se, em 1947, vereador pelo antigo Distrito Federal, renunciando ao mandato no ano seguinte por desentendimento com o partido, o qual fizera aliança com agremiação contrária às suas idéias. Em 1949, fundou o vespertino Tribuna da Imprensa, onde comandou a campanha contra o Presidente Getúlio Vargas, em violentos artigos. Em agosto de 1954, sofreu um atentado à bala na rua Toneleros, no qual morreu seu amigo, o Major da Aeronáutica Rubens Vaz. O episódio desencadeou a crise política cujo desfecho foi o suicídio do Presidente Vargas, a 24 de agosto de 1954.

Ameaçado pela ira popular, refugiou-se na Embaixada de Cuba. Nesse mesmo ano, elegeu-se deputado federal pela UDN, apoiando a candidatura Juarez Távora e hostilizando violentamente a de Juscelino Kubitschek, cuja eleição e posse tentou impedir. Dias antes das eleições, divulgou um documento, a "Carta Brandi", que se revelou apócrifa, e com o qual procurou comprometer o Sr. João Goulart, candidato à vice-Presidência, com os movimentos fundiários de esquerda.

Durante o movimento político-militar de 11 de novembro de 1955, que assegurou a posse dos candidatos eleitos pelo povo, Lacerda refugiou-se no Cruzador Tamandaré, deixando em seguida o país. Retornando em 1956, assumiu a liderança da oposição em 1959. Preterindo o Sr. Juracy Magalhães, candidato natural do partido, levou a UDN a adotar a candidatura de Jânio Quadros à presidência da República, fato que culminou na eleição deste senhor por larga margem de votos.

A 3 de outubro de 1960, elegeu-se governador do recém criado Estado da Guanabara, derrotando o candidato trabalhista Sérgio Magalhães. Tomou posse em dezembro do mesmo ano. Efetuiu dinâmica administração, pautada por grandes obras de prestígio e pela reorganização da administração estadual, que foi muito modernizada em sua gestão. Sua estrutura administrativa permaneceu com poucas alterações até hoje e se tornou padrão para todos os estados da Federação. Cuidou do saneamento, saúde, urbanização e educação numa escala monumental, sendo a partir de então o Rio de Janeiro uma referência nacional de eficiência por muitos anos.

Em agosto de 1961, rompeu com o presidente Jânio Quadros, denunciando-o por conspiração golpista, em famoso programa de televisão. Foi um dos principais líderes civis do movimento político-militar de março de 1964, do que resultou o afastamento do presidente João Goulart e a implantação do regime militar. Perseverante no oposicionismo, rompeu com a ditadura militar, passando a criticar, a partir de 1965, o governo do Marechal Castelo Branco, para cuja posse contribuiu.

Terminado seu mandato como governador em 5 de dezembro de 1965, onde não conseguiu eleger seu sucessor, voltou ao jornalismo e a oposição parlamentar, sempre criticando o governo. Em 13 de dezembro de 1968, por Ato Institucional assinado pelo presidente militar Costa e Silva (AI-5), foi cassado e teve seus direitos políticos suspensos pelo prazo de dez anos. Pouco antes da cassação, procurou o Sr. Juscelino Kubitschek, em Lisboa, e o Sr. João Goulart, no Uruguai, ambos muito combatidos por ele no passado, na tentativa de formar um partido de frente ampla em oposição à ditadura militar.

Após a cassação, recolheu-se à vida privada, assumindo a direção de várias empresas, inclusive da Editora Nova Fronteira. Fez freqüentes viagens ao exterior, quase todas de cunho político, recebeu muitas homenagens, e se dedicou bastante à pintura e literatura.

Quando se preparava para voltar à vida pública, morreu aos 63 anos de uma repentina crise de angina na Clínica São Vicente, na Gávea, Rio de Janeiro, a 21 de maio de 1977, às duas horas da madrugada, fato ainda hoje motivo de grandes polêmicas.

Dentre suas obras literárias, ressaltam-se: O Quimbo de Manuel Congo (história, 1935); O Rio (teatro, 1943); Xanan e Outras Histórias (contos, 1959); O Poder das Idéias (discursos, 1963); Uma Rosa é Uma Rosa (crônicas, 1966); Crítica e Autocrítica (1966); A Casa de Meu Avô (crônicas, 1969); e muitos outros livros, ensaios, reportagens, etc.

EDUARDO GOMES – DADOS BIOGRÁFICOS

Militar e político, nasceu em 20 de setembro de 1896, em Petrópolis. Formou-se na Escola Militar do Realengo (1918), onde passou para a recém criada Força Aérea do Exército (1921). Transferiu-se, em 1941, para a Aeronáutica, quando esta arma foi criada pelo Presidente Vargas.

Participou, ainda com o capitão, do movimento “tenentista”, sendo um dos “Dezoito do Forte de Copacabana” (1922). Também tomou parte da revolução de 1924, em São Paulo, tomou parte na insurreição de 3 de outubro de 1930 e combateu o movimento constitucionalista de 1932. Fundou e organizou o CAN, Correio Aéreo Nacional (1931). Opôs-se à tentativa comunista de 27 de novembro de 1935, onde foi ferido; e ao Estado Novo de Vargas (1937); e lutou pela redemocratização do País, contribuindo para a deposição de Vargas em 29 de outubro de 1945.

Membro fundador da União Democrática Nacional (UDN) em 1943, foi, por duas vezes, candidato à Presidência da República, sendo derrotado em 1945 por Eurico Gaspar Dutra e, em 1950, por Vargas. Um grupo de eleitoras, para homenageá-lo, criou o doce “brigadeiro”, posto o qual ocupava na hierarquia da aeronáutica. Em agosto de 1954, assinou o documento dos oficiais que exigiam o afastamento de Vargas. Ministro da Aeronáutica do Presidente Café Filho (1954/5), participou da insurreição de 11 de novembro de 1955, apoiando Carlos Luz, sendo depois anistiado por JK. Foi diretor da Rotas da Aeronáutica (1946/51) e presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Eua. Em 1964, apoiou o movimento militar de 1º de abril, sendo novamente Ministro da Aeronáutica do Governo Castelo Branco (1964/7).

Em 1972 foi declarado Patrono do Correio Aéreo Nacional. Promovido a Marechal do Ar, foi agraciado em 1975 pelo Papa Paulo VI com a comenda de São Silvestre, a qual se juntou a 11 outras já obtidas por feitos militares mais 7 dadas por outros países, em reconhecimento de seu trabalho.

Reformado por antiguidade, faleceu no Rio de Janeiro em 1979.

MORRO (E BAIRRO) DA GLÓRIA

Os índios tupi-guaranis denominavam a região como Uruçú-Mirim (tipo de abelha pequena, ou segundo outros, ouriço pequeno).

Bairros diversos da cidade do Rio de Janeiro já foram objetos de livros contando suas histórias e os seus encantos, até mesmo ruas, avenidas e praças foram desdenhadas na literatura: Rua do Ouvidor, Av. Central, hoje Av. Rio Branco e a Praça XI são exemplos significativos, mas os historiadores estão devendo um relato de um bairro que pela sua importância não poderia nem deveria ficar tanto tempo no esquecimento.

O bairro da Glória não se desenha pelas suas confrontações, o sentimentalismo avança sobre ruas até mesmo que não fazem parte geograficamente do seu espaço físico. É um misto de zona sul com o centro da cidade, se tal não bastasse a sua proximidade com a Lapa, Santa Teresa, Catete e Flamengo enriquece a sua história.

Não faz muito tempo o bairro da Glória era passagem obrigatória para se alcançar a zona sul.

Será que os historiadores não tiveram tempo de descobrir a riqueza da história deste bairro? Penso que não, acredito que as editoras não quiseram dar espaço a inúmeros trabalhos que se encontram nas gavetas dos homens que fizeram e fazem a história desta cidade.

Porém um escritor que viveu e fez questão de morrer no bairro que tanto amou foi um cronista excepcional da Glória. O Dr. Pedro Nava, médico conceituado, que produziu uma literatura farta e inteligente onde o seu bairro estava sempre presente.

Assunto para discorrer sobre este bairro não falta e posso afirmar que se fosse as minúcias mais de um volume teríamos.

A Glória possui uma igreja que freqüentada pela família imperial teve a honra de ser escolhida para o batizado da princesa, Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Michaela Gonzaga, filha de D. Pedro I, neta de D. João VI em 1819.

A devoção era tão especial que foi a imandade agraciada por D. Pedro II, em 1849, com o título de "Imperial" passando-se a chamar Imperial Imandade de Nossa Senhora do Outeiro.

A Secretaria de Exterior que equívale hoje ao Ministério das Relações Exteriores funcionou no bairro, a estátua que homenageia o 4º. Centenário do Descobrimento do Brasil, o chafariz mandado construir pelo Vice-Rei Marquês de Lavradio, a primeira feira livre que tivemos na cidade instituída pelo mesmo Vice-Rei, o grande prédio construído em 1870 para abrigar um mercado e que nunca funcionou com o tal sendo demolido pelo prefeito Pereira Passos, os prédios da Beneficência Portuguesa, do Asilo São Comélio e do famoso High-Life que ficou conhecido pelos seus bailes, a fonte de mármore doada a cidade por Adriano Ramos Pinto e a estátua do Visconde do Rio Branco, ambas inauguradas na Glória e "roubadas" para outros logradouros, a primeira estação de tratamento de esgoto no Brasil, em o bairro viu nascer, em 1868 a primeira concessão de linhas de bondes em direção a zona sul, saindo da rua do Ouvidor, esquina da Rua Uruguiana atravessou a Glória até alcançar o Largo do Machado e se foi protagonista do meio de transporte que desbravou os principais bairros cariocas foi também pioneiro no transporte urbano de massa mais moderno na nossa cidade, pois, 110 (cento e dez) anos após os bondes puxados a burro atravessarem o bairro a primeira estação do metrô foi inaugurada na Glória em 1978.

A Praça Paris, a Praça Luiz de Camões, a Marina da Glória, a tradicional feira de brechó realizada pelos mendigos e miseráveis, as pensões e hotéis que foram uma tradição do bairro, as prostitutas, travestis e viciados que fizeram no passado o seu local preferido e que ainda hoje fazem. Na Glória está a emissora de rádio mais popular e de maior audiência no Estado do Rio de Janeiro, a Rádio Globo, em contra partida a Rede Manchete de Televisão, também localizada no bairro, esta agonizando.

E finalmente, onde está a estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro?

Ora, só podia estar na Glória..

O Local onde se localiza o bairro da Glória está intimamente ligado com a história da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1555 invadiram o Rio de Janeiro franceses chefiados por Villegaignon. O mapa "*Goufre de la Rivière de Guanabara ou Janaire*", levantado em 1558 pelo Frade André Thevet (que fazia parte da expedição) mostra-nos a *Ville Henry*, sede da França Antártica¹, localizada na antiga Ilha da Carioca — delta formado pelo Rio Carioca e o Rio Catete, braço do primeiro. Os franceses denominaram o Morro da Viúva como *Mont' Henri*, e o Morro da Glória, *Mont Corquilleray* (em homenagem à *Filipe de Corquilleray*, construindo nele um forte. Em carta datada de 131 de março de 1557, enviada à Calvino, o Almirante Villegaignon diz ter transferido a *Ville Henri* de terra firme para uma ilhazinha, na verdade, Serigipe (ou ilha dos siris, em tupi), atual Ilha de Villegaignon.

Em 1560 os franceses foram expulsos de *Serigipe*, refugiando-se até 1567 na Glória e na Ilha do Governador. De 1560 à 1567 foi o morro da Glória uma das regiões onde se refugiaram os franceses. Em 1565, Estácio de Sá, funda a cidade entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, porém, em 1567, isto é, apenas 2 (dois) anos após a fundação ocorre o celebre combate contra os franceses que já tinham invadido a baía de Guanabara antes mesmo da chegada de Estácio de Sá, e juntamente com seus aliados os índios tamoiós travaram feroz luta contra os portugueses pelo mar, na altura do morro do Leripe.

E que morro é este?

O nosso Outeiro da Glória.

Comentário:

Neste combate Estácio de Sá é ferido, vindo a falecer e Mem de Sá determina que a cidade seja transferida para o morro que após diversas designações tais como: Descanso, São Januário, ficou conhecido como Morro do Castelo até os seus derradeiros dias em 1922, quando foi totalmente arrasado.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO

O Outeiro da Glória foi propriedade de Julião Rangel de Macedo, que recebeu as terras em virtude de sesmaria. Com o seu falecimento as terras foram adquiridas pela família Rocha Freire que posteriormente as vendeu ao Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, este por escritura datada de 20 de janeiro de 1699 fez doação à Irmandade de Nossa Senhora da Glória, constando a seguinte condição: "para nele edificar-se uma ermida que fosse permanente e não sendo assim ficaria revogada a doação e com a condição de que na referida ermida lhe daria sepultura a ele doador e a todos os seus descendentes e a quem lhes parecesse".

Ainda no remoto ano de 1608 um devoto português de nome "Ayres" mantinha uma devoção à Nossa Senhora da Glória numa gruta do antigo morro do "Lery", hoje morro da Glória. Muitos anos depois, o português Antônio Caminha, natural de Aveiro, ergueu no alto do morro em 1671 uma modesta ermida dedicada à Santa. Caminha era até então devoto e irmão Terceiro de São Francisco, não se sabendo o que fez para que mudasse sua crença. Em 1699, o Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, que morava no morro numa casa ainda existente atrás do templo, doou grande terreno no morro para construção de uma igreja permanente para que pudesse receber seus restos mortais e de sua família.

Cláudio Gurgel do Amaral era homem afeito a caridade, foi ministro da Ordem Terceira da Penitência, exerceu diversos cargos na Misericórdia, chegando ser provedor da mesma durante o período de 1703 a 1705, mas nem sempre a vida lhe sorriu pois acabou sendo assassinado.

Já em 1714 Antônio Caminha havia já obtido verbas com doações e oferendas de devotos para ereção do novo templo em pedra e cal, já que a capela de 1671 era em madeira e argila. Fez o projeto do novo templo o Tenente Coronel José Cardoso Ramalho, engenheiro militar e que depois igualmente projetou a Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Centro, demolida quando se abriu a Avenida Presidente Vargas em 1942-44. Ramalho desenhou a Igreja da Glória em estilo Barroco Borromínico, com planta octogonal, à semelhança da Igreja de São Pedro dos Clérigos do Pôrto, Portugal. Foi o primeiro templo nesse novo estilo no Brasil colônia e, por muito tempo, quase o único.

Poucos anos depois de iniciada, em 1719 o templo era entregue ao culto, mas pequenos detalhes foram acrescentados por muitos anos. Assim, por exemplo, muitos citam que a obra de alvenaria só foi completada em 1739. A torre ficou pronta em 1741 e as três portadas em mármore de Ióz, vindas de Portugal, só foram colocadas em 1779. Quando o pintor Leandro Joaquim retratou o templo pela primeira vez numa tela, em 1790, o grosso da obra estava já pronta.

Os três altares rococós do interior são belíssimos e, infelizmente, anônimos. Alguns os atribuem por comparação às obras de Inácio Ferreira Pinto, o entalhador que trabalhou na Capela Mór da Igreja do Mosteiro de São Bento. Os magníficos painéis de azulejos da nave foram feitos em c. 1728, em Lisboa, e retratam a lenda de Raquel, do Antigo Testamento.

Em 1808, chegando ao Brasil a família real a igreja passa a ter destaque acima da sua beleza arquitetônica. A Igreja foi muito freqüentada no século XIX por D. João VI e particularmente por D. Pedro I e pela Imperatriz Leopoldina, que era tão devota da virgem que acrescentou "Maria" ao seu próprio nome e batizou sua primeira filha com o "Maria da Glória". D. Pedro II e a Princesa Isabel também foram consagrados nesta igreja.

Em 1849, a Irmandade da Glória, fundada ainda em fins do século XVII, ganhou o título de "Imperial", do Imperador D. Pedro II, colocando-se então o brasão oficial do Império sobre o arco cruzeiro.

Apesar da preferência da família imperial não significava que a igreja afastou-se das classes menos abastadas. Exemplo maior eram as festas realizadas no dia de Nossa Senhora da Glória, 15 de agosto, quando o povo participava de toda a programação que constava de uma novena, e missa cantada pela manhã, Te Deum Laudamus e procissão à tarde, fogos de artifícios e bailes eram frequentes na redondeza, principalmente os frequentados pelas elites da época, como os oferecidos pela Viscondessa de Sorocaba e o do Visconde de Meriti, onde hoje se localiza o Palácio Episcopal.

Com o advento da República, os festejos simplificaram-se, mas a tradição foi preservada.

No dia 5 de agosto realiza-se a mudança das vestes de Nossa Senhora da Glória. A imagem é retirada do trono e do altar-mór por irmãos graduados e numa sala contígua às tribunas, a porta fechada, é feita a troca das vestes num silêncio respeitoso. Nessa ocasião, troca-se a roupa da Santa, que, já de longa tradição, é sempre confeccionada pelo carnavalesco e museólogo Dr. Clóvis Bornay.

O templo foi tombado pelo SPHAN em 1938 e cuidadosamente restaurado, removendo-se as pinturas modernas dos altares e sendo construído atrás o Museu da Imperial Irmandade, em prédio estilo neocolonial adaptado. É o museu muito rico e possui jóias, imagens, móveis e pinturas de grande valor. Quando da festa da padroeira, a 15 de agosto, ganha iluminação especial que a torna "feérica".

MONUMENTO A PEDRO ÁLVARES CABRAL - LARGO DA GLÓRIA

Na Praça da Glória, encontra-se o monumento a Pedro Álvares Cabral, ereto de 1898 a 1900 por iniciativa da Associação do 4º. Centenário do Descobrimento do Brasil. A inauguração da grande obra em bronze de Rodolfo Bernardelli, teve lugar no dia 03 de maio de 1900, então era a data em que se acreditava que o Brasil havia sido descoberto, haja vista a discrepância do calendário Juliano, então adotado, para o atual, Gregoriano. Estiveram presentes à solenidade, diversas autoridades, representantes estrangeiros e o povo. Também estão homenageados: o escrivão da frota, Pero Vaz de Caminha e o Frei Henrique Soares, de Coimbra. A estátua já foi removida para outro canto da mesma praça, em consequência de mudanças no trânsito local, por, pelo menos, duas vezes. Na década de trinta, por aí, costumava passear à sua volta a ex-cortesã Suzanne Castérath, que morava nas proximidades. Ela, já bem idosa, ganhou o apelido de "viúva de Pedro Álvares Cabral".

Muita gente acreditava piamente nisso e a cumprimentava.

RELÓGIO ELÉTRICO - LARGO DA GLÓRIA

Defrente ao monumento a Pedro Álvares Cabral, situa-se um antigo muro datado do século XVIII, que recebeu em 1905 uma balaustrada em granito removida da Praça Tiradentes pelo Prefeito Francisco Pereira Passos. Na mesma ocasião, ele implantou o primeiro relógio elétrico do Rio de Janeiro, situado no final da balaustrada, e fabricado pela Casa Krussmann, situada na rua do Ouvidor. Como ainda não existia rede urbana de eletricidade, a energia era provinda da rede de bondes da Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico. É em bronze, com quatro mostradores.

O relógio é tombado pela Municipalidade.

CHAFARIZ COLONIAL - RUADA GLÓRIA

No princípio da rua da Glória existe um chafariz colonial, atualmente bastante depredado e não vertendo mais água, ostentando uma cartela em mármore de Lióz com

dizeres em latim, cuja tradução é a seguinte: “A Luís de Almeida, Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Brasil, reparados do estuante mar os arremessos com a construção de um ingente cais, aumentadas as rendas e a dignidade do Conselho, reparados os edifícios públicos, feitos mais cômodos os caminhos, nivelados com o corte das elevações, renovada a cidade, ao seu conservador o Senado e o povo do Rio de Janeiro ergueram em 1772”. Este elegante chafariz, possuidor de ricos detalhes em gnaiss, no estilo barroco, é tombado pelo IPHAN e estava a merecer uma restauração em regra.

Seu plano é atribuído ao engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria.

RUABENJAMIN CONSTANT - GLÓRIA

Esta rua foi aberta em 1852 e teve a denominação de Santa Isabel em 28 de janeiro de 1860. Em 1891 mudaram-lhe o nome para Benjamin Constant, em homenagem ao prócer da República, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, militar e intelectual, ex-ministro da Instrução e dos Correios, falecido em princípios daquele ano. Em 1879 a rua possuía 27 casas, sendo 14 térreas e 13 de sobrado. Dos prédios mais interessantes, o templo Positivista, em estilo neoclássico, foi erguido em 1897, sob projeto do engenheiro Teixeira Mendes. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus só foi construída pelo engenheiro Luís Raphael Vieira Souto em estilo neogótico pelos anos de 1898/08. Dentro, há belos santos antigos de outras igrejas.

Onde está o Palácio Cardinalício de São Joaquim, existiu desde a Regência, o palacete Bahia, residência do Visconde de Meriti. Foi depois sede do Ministério das Relações Exteriores até princípios da República, quando, em 1897, virou o “English Hotel”. Foi demolido em 1912, subindo ali o atual Palácio São Joaquim, prédio em estilo eclético do arquiteto espanhol Adolpho Morales de Los Rios.

TEMPLO POSITIVISTA - RUA BENJAMIN CONSTANT - GLÓRIA

Foi inaugurado em 15 de agosto de 1893, sendo uma redução em escala do Pantheon de Paris. Projetado por Teixeira Mendes e Miguel Lemos, ambos engenheiros, é o único templo do gênero, em todo o mundo. Sua doutrina muito contribuiu para a Proclamação da República. Em suas três portas, lêem-se as seguintes legendas: “Ordem e Progresso”, “Viver às Claras” e “Viver para Outrem”. Possui uma biblioteca de cinco mil volumes, especializada em positivismo, história, ciência e filosofia. Uma das relíquias mais interessantes, está colocada perto do púlpito. Trata-se das grades do túmulo de Clotilde de Vaux, esposa de Auguste Comte, removidas de Paris para o Brasil, quando foi reformado o jazigo da grande inspiradora da doutrina positivista. Uma sala especial, guarda um pequeno museu de objetos pertencentes a Auguste Comte, Benjamin Constant, Clotilde de Vaux e Décio Villares, além da maquete, em tamanho original, da estátua da Humanidade, que faz parte do monumento a Benjamin Constant, atualmente na Praça da República. Existem também pinturas e esculturas de Décio Villares, algumas importantes. Num outra sala, está uma cama colonial que se presume haver pertencido a Tiradentes. Sua festa máxima é a 1º. de janeiro, quando comemoram o Dia da Humanidade.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

PALÁCIO SÃO JOAQUIM - RUADO CATETE/RUA BENJAMIN CONSTANT - GLÓRIA

Mandado construir em 1912-18 pelo Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante. O projeto foi do arquiteto Adolpho Morales de Los Rios, sendo construído por Heitor de Melo, que introduziu muitas modificações no palácio, em estilo neo-Luís XV. Possui pinturas internas de Benedito Calixto de Jesus e Carlos Oswald. No local existira antes o palacete Baía, solar do Barão de Meriti, onde se serviu pela primeira vez sorvete no Rio de Janeiro, em 1824.

O prédio é tombado pela Municipalidade.

FACULDADE SOUZA MARQUES - RUADO CATETE NO. 6 - CATETE

Esta casa neoclássica foi construída em 1862 para João José Ribeiro da Silva. Foi adquirida em 1868 pelo Comendador João Martins Cornélio dos Santos que a deixou em testamento para a Santa Casa de Misericórdia. O Asilo São Cornélio foi inaugurado em 16 de agosto de 1900. É uma casa térrea com porão alto, tendo para a rua embasamento de mármore, várias janelas de peitoril com ombreiras de cantaria e vergas de arco pleno. O frontão é encimado por platibanda revestida de azulejos, tendo no centro baixos relevos de estuque. Internamente, ainda se conservam estuques e pinturas murais. Nunca se soube quem foi o arquiteto que a projetou, suspeitando-se que seja José Maria Jacinto Rebêlo, que possuía aquele estilo de construir. Sedia atualmente a Faculdade de Medicina Souza Marques.

O prédio é tombado pelo IPHAN.

CIEP PRESIDENTE TANCREDO NEVES - RUADO CATETE, S/NO. - CAT.

Os CIEPs - Centros Integrados de Educação Pública, ou "brizolões", como são conhecidos, fazem parte do Programa Especial de Educação lançado pelo Governo do Estado durante a gestão de Leonel Brizola, que previa expandir a rede pública através da construção de 500 unidades em todo o Estado, além das "Casas da Criança". Trata-se de projeto de Oscar Niemeyer, concebido em 1986 para atender a programa ambicioso: não apenas instruir mas dar apoio ao desenvolvimento das crianças e toda a comunidade local. Desses propósitos, surgiu a idéia de agrupar no térreo serviços que pudessem ser utilizados independentemente da escola: refeitório, cozinha, gabinete médico/dentário, além de ginásio e biblioteca em dois volumes autônomos. Nos dois pavimentos superiores alinham-se 20 salas de aula com capacidade para 30 alunos cada. A intenção de conciliar economia, funcionalidade e rapidez na execução guiou a concepção e o detalhamento das peças pré-fabricadas em concreto armado que compõem todo o corpo da edificação. O peso e a dimensão dos elementos, cada pilar-viga alcança a altura total do prédio, dificultam o acesso deste sistema a certos locais peculiares do Rio, como morros e favelas.

RU A SANTO AMARO - CATETE

A Rua Santo Amaro, bem como a Rua Santa Cristina, foi aberta em 1852 em terras pertencentes a José Maria Velho da Silva. O Decreto 3367, de 21 de outubro de 1860 prolongou a Rua Santo Amaro até a Rua da Pedreira da Glória (Pedro Américo). O nome de Santo Amaro proveio do antigo proprietário das terras, Amaro Velho da Silva, depois Barão de Santo Amaro, pai de José Maria. Em 1908 passou a chamar-se Rua D. Carlos Primeiro, porém, o Decreto 1165, de 31 de outubro de 1917 restituiu-lhe o antigo e tradicional nome.

SERVIÇO SOCIAL RURAL - RU A SANTO AMARO, 28 - CATETE

Antiga sede do High Life Club. Solar de três pavimentos, com interessantes trabalhos em estuque e serralheria na fachada. Pertenceu aos descendentes do Barão do Rio Branco até 1900. Funcionou como teatro e, posteriormente, café-concerto, até que Paschoal Segretto, seu proprietário, teve a idéia de promover um baile de carnaval que, durante muitos anos, foi um dos mais famosos do Rio. O High Life fechou em 1957 e o prédio foi vendido ao Serviço Social Rural.

O prédio é tombado pela Municipalidade desde 1987.

HOSPITAL DA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA – RUA SANTO AMARO – CATETE

A Sociedade Portuguesa de Beneficência nasceu em 1839 da idéia do Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal junto ao Governo Brasileiro, Joaquim César Figanière Mourão, acolhida por José Marcelino da Rocha Cabral, encarregado do Consulado Geral, e pela Diretoria do Real Gabinete Português de Leitura, na qual se destacou, pelo trabalho des envolvido em prol da nova instituição, o Secretário-Geral Francisco João Muniz. A Sociedade teve seus estatutos aprovados em Assembléia geral realizada a 17 de maio de 1840. A 12 de julho seguinte elegeu-se a primeira diretoria, de que foi presidente José Marcelino e vice Francisco João Muniz.

Quanto ao hospital, foi colocada a primeira pedra em 19 de dezembro de 1853, a primeira em 23 de julho de 1855, em 16 de setembro de 1858, aniversário natalício do Rei D. Pedro V de Portugal, inaugurou-se o edifício com um pomposo baile; em 26 do mesmo mês benzeu-se, e em 7 de janeiro de 1859 abriu-se a aos doentes.

Inaugurou-se em 19 de dezembro de 1880 outro edifício, em terreno contíguo, adquirido em 1869, e cuja pedra fundamental foi lançada a 16 de setembro de 1877.

São dois elegantes palácios em estilo neoclássico, construídos sob as regras arquitetônicas e preceitos higiênicos, possuindo uma linda capela consagrada a São João de Deus. Fez o projeto o arquiteto brasileiro Luís Hosxe. O pavilhão mais antigo é o situado à esquerda do contemplador. O mestre de obras do primeiro prédio foi Francisco Antônio da Silva. O do segundo, Antônio Ferreira da Rocha. No interior, existe bela clarabóia oval, com estuques. Estátuas em mármore do Infante D. Henrique, Pedro Álvares Cabral, alegorias e bustos atinentes à escadaria ou no interior vieram de Portugal.

Em 1924/6 foi construído o novo hospital para senhoras, ao lado do antigo, com capacidade de 100 leitos. Mais recentemente, em Jacarepaguá, foram construídos diversos pavilhões, destinados aos serviços de Neuro-Psiquiatria, o Retiro da Velhice e o Sanatório.

O Ministério da Educação e Cultura, pelo seu Conselho Nacional de Serviço Social, deu à Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, de acordo com o Decreto 1117, o título de Entidade Filantrópica, por meio do Certificado de 15 de outubro de 1962. E pelo Decreto 1417, publicado no Diário Oficial de 30 de outubro do mesmo ano, o Governo Federal declarou-a de Utilidade Pública.

O Hospital da Beneficência Portuguesa é tombado pelo IPHAN.

RIO DE JANEIRO CITY IMPROVEMENTS - HOJE SEAJ

(A História do Esgoto na Cidade do Rio de Janeiro).

O Brasil foi o segundo país do mundo a ter organizado o seu sistema de esgoto, e o local escolhido foi o bairro da Glória, no Rio de Janeiro.

Antes da implantação as matérias fecais e as águas servidas eram lançadas ao mar, pelos populares tigres, que eram normalmente escravos que levavam em grandes barris sem tampas as imundices da cidade, com o sempre estavam sujeito pelo derramamento dos barris ficaram conhecidos pelo nome de tigres.

O Governo brasileiro foi autorizado a contratar com o Sr. John Frederick Russel o esgotamento dos prédios no Rio de Janeiro e os serviços de águas pluviais, na forma da Lei 719 de 28 de setembro de 1853 :

Lei 719 de 28 de setembro de 1853

Capítulo III

Disposições Gerais

Art. 11 O Governo fica autorizado para :

& 3: Contratar com João Frederico Russel, ou com outro qualquer, o serviço da limpeza das casas da cidade do Rio de Janeiro e do esgoto das águas pluviais, obrigando-se o empresário a fazer os trabalhos por distritos designados. Naqueles distritos em que se forem realizando

os mesmos trabalhos, poderá o Governo elevar a decima urbana na proporção necessária para fazer face as despesas resultantes do contracto. Outrossim poderá o Governo isentar de direitos de importação e exportação os objetos concernentes a empresa

A primeira demonstração foi realizada em 1855, quando foi montado os aparelhos concernentes a desinfectação das águas servidas e materiais fecais, o local escolhido foi a casa de Correção.

O prédio da City, erguido fronteiro à Igreja da Glória e ainda hoje de pé, sem a feia chaminé que aparece em fotos antigas, hoje sedia o Sindicato de Engenheiros e Arquitetos do Rio de Janeiro (SEAERJ).

HOTEL GLÓRIA - RUADO RUSSEL - GLÓRIA

Em 1920, o Presidente da República, Epitácio da Silva Pessoa, reuniu em palácio os principais empresários da cidade para uma proposta simples e direta. Dois anos depois realizar-se-ia a Exposição Internacional destinada a comemorar o Centenário da Independência do Brasil. Previse-se que um número muito grande de turistas estrangeiros nos visitariam, mas não possuíamos hotéis de porte para recebê-los. Pessoa propôs aos empresários a construção de grandes hotéis na cidade, para os quais seriam dadas concessões especiais e isenções fiscais. Dois empresários, Octávio Guinle e Rocha Miranda aceitaram a incumbência. O primeiro construiria um hotel num terreno de um alqueire em Copacabana, então um areal. Rocha Miranda construiria outro na Glória. No mesmo ano iniciaram-se as obras. No lugar do Hotel Glória, existia o casarão que pertencera a John Russel, o pioneiro dos esgotos no Rio de Janeiro. O projeto do Hotel Glória foi elaborado pelo mesmo arquiteto do Copacabana Palace, o francês Joseph Gire. Entretanto, por economia, o desenho foi muito modificado pelo engenheiro alemão Silvio Riedlinger. Em vez de mármores importados e materiais nobres, relevos de massa e materiais nacionais foram utilizados para baratear a obra e deixá-la pronta a tempo. Com efeito, quando da realização da Exposição somente o Hotel Glória ficou pronto em 1922. O Copacabana Palace só pôde ser ocupado em outubro de 1923. Em estilo neo-Luís XV, o Hotel Glória era dotado de teatro, cassino, salões de festas e de jogos, áreas de lazer e 150 quartos. Ampliado em época posterior, hoje ganhou mais dois andares e incorporou terrenos em volta, ficando com capacidade de 500 quartos. Não existe mais o cassino, mas salões de jogos, teatro e convênções ocupam o espaço do jogo.

É presentemente um dos melhores hotéis da cidade, hospedando clientela seleta.

MONUMENTO À ABETURADOS PORTOS - RUADO RUSSEL - GLÓRIA

Foi Vieira Souto, Diretor de Obras da Prefeitura, quem aterrou o "saco" entre o Largo da Glória e a ponta do Russel; depois nele construiu Pereira Passos a Av. Beira Mar, para ser uma continuação da Avenida Central, que então se fazia.

Por ocasião das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos, a 28 de janeiro de 1908, fez o Governo colocar uma balaustrada na Praia do Russel, bem com o duas estátuas, distantes uma da outra vinte metros. A primeira, na direção do Flamengo, apresenta uma figura de mulher, sentada sobre um bloco de bronze, segurando com a mão esquerda o símbolo do comércio e tendo a direita apoiada num escudo onde, em alto relevo, se desenha uma folha de louro: é o Comércio; a segunda, do lado do Russel, é também uma figura de mulher, segurando com a mão direita uma alavanca, tendo a esquerda apoiada em uma âncora, tudo em bronze, simbolizando a Navegação.

Foi escultor da obra o artista francês Eugène Benet.

MONUMENTO AO PINTOR LASAR SEGALL - LARGO DO RUSSEL - GLÓRIA

Pintor moderno, nasceu na Rússia a 8 de julho de 1890, filho de Abel Segall e Esther Godes. Fez seus estudos primários em Vilna, sua cidade natal (hoje a cidade pertence à Polônia); aos 16 anos cursou o secundário na Alemanha. Frequentou a Academia de Belas Artes de Berlim, onde foi aluno de Max Liebermann, e a de Dresden, que era o centro de arte naquela época e onde permaneceu até 1912. Nessa cidade realizou sua primeira exposição individual, em 1910. Numerosas exposições se seguiram por diversos países e em épocas diferentes.

Em 1925, casou-se com Jenny Klabin, sua ex-aluna, na Alemanha. Do casamento nasceram dois filhos. Fugindo da perseguição aos judeus movida pela Alemanha e a antiga União Soviética, refugiou-se no Brasil, se radicando em São Paulo. Em 1938, muitos de seus quadros foram destruídos pelos nazistas. Aqui, sua pintura expressionista triste e sem brilho ganhou luz e cor. Mário de Andrade o denominava "pintor de almas", e seus temas giravam entre o sofrimento dos judeus e a situação das classes menos favorecidas. Segall produzia telas de cunho social. Foi um dos pioneiros da arte moderna entre nós e nunca deixou de elogiar as belezas de nossa terra. É dele a frase "O Brasil revelou-me o milagre da luz e da cor".

Lasar Segall morreu em São Paulo, a 2 de agosto de 1957. Era tio da famosa atriz de teatro Beatriz Segall. Em 1960, o artista Liuba fez seu busto em bronze, o qual desde então está situado no jardim ao lado do hotel Glória.

MONUMENTO A BADEN POWELL – LARGO DO RUSSEL – GLÓRIA

Robert Stephenson Smyth Baden Powell, o inventor do escotismo, nasceu na Inglaterra, a 22 de fevereiro de 1857. Seu pai era o Reverendo H. G. Baden Powell, professor em Oxford, e sua mãe era filha do Almirante inglês W. T. Smyth.

Em 1870, ingressou na Escola Charterhouse, em Londres, com uma bolsa de estudos, pois ficara órfão pouco antes. Aos 19 anos, colou grau e partiu para a Índia, como subtenente do Regimento que formaria na célebre "Carga da Cavalaria Ligeira" na guerra da Criméia. Aos 26 anos era Capitão.

Em 1887, Baden Powell estava na África, participando da campanha contra os Zulus, e mais tarde contra as ferozes tribos dos Ashantis e os selvagens guerreiros Matabeles. Promovido a Coronel em 1899, participou da Guerra dos Bôeres, comandando a defesa de Mafekingue, durante seis meses, motivo pelo qual foi promovido a General de Divisão. Depois foi Inspetor Geral da força policial sul-africana.

Com a experiência acumulada em tantas aventuras bélicas, fundou em 1908, o movimento de Escoteiros (Boy-Scouts) de grande valor educativo; dois anos depois, sua irmã Agnes organizou o movimento feminino correspondente (Girl-Guides). No posto de Tenente-general, Baden Powell dedicou o resto de sua vida a ambos os empreendimentos, que foram adotados em muitos países, alcançando grande repercussão entre a juventude (Escoteiros) e a infância (Lobinhos), entre as moças (Bandeirantes) e as meninas (Fadas).

Baden Powell escreveu: Campanha de Matabeles; Escotismo para Meninos; Aventuras e Acidentes, e muitos outros livros mais. Foi o autor da frase "O Escoteiro tem uma só palavra. Sua Honra vale mais do que sua própria vida".

Baden Powell morreu na Inglaterra, a 8 de janeiro de 1941. Seu monumento no Brasil foi inaugurado a 28 de julho de 1960, sendo o busto em bronze de B. P. obra do artista Vincenzo Larocca, de São Paulo.

ESTÁTU A DE SÃO SEBASTIÃO - LARGO DO RUSSEL - GLÓRIA

A estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, de granito da Tijuca, foi trabalhada por Dante Croce, Curzio Zani e Arnaldo Valib. Mede 07 metros de altura e pesa 60 toneladas. Está colocada numa circunferência de 20 metros, nas imediações do

local em que, a 20 de janeiro de 1567, o Santo apareceu aos portugueses e ajudou Estácio de Sá a vencer a Batalha das Canoas, numa luta desigual entre franceses e seus aliados os índios tamoios, ocupando 180 canoas, contra os portugueses em cinco.

No chão da Cidade que ajudara a conquistar e edificar, São Sebastião foi entronizado, no Largo do Russel, 398 anos depois de sua aparição nos mares da Guanabara, por ocasião dos festejos do 4º. Centenário da Fundação do Rio de Janeiro.

As solenidades ocorridas em 20 de janeiro de 1965, estiveram presentes as mais representativas figuras oficiais e sociais: o Governador do Estado, Carlos Lacerda; o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara; os Frades Capuchinhos, perpetuadores da primitiva imagem daquele Santo, trazida por Estácio de Sá; grande massa popular, associações religiosas e civis, representantes das Forças Armadas, em baixadores creditados junto ao nosso Governo.

Foi, na terra, uma festa de civismo e defé, que no enlevo das preces, entre música e flores, fez vibrar de entusiasmo a alma coletiva desta nobre Cidade, empolgando a consciência histórica da Pátria.

SÃO SEBASTIÃO - DADOS BIOGRÁFICOS

Santo Mártir, nasceu na Gália Narbonesa, na atual França, a 20 de janeiro do ano 250 da era Cristã. Era de família católica, cujo culto, naqueles tempos, equivalia a uma condenação à morte. Mesmo assim, foi educado na fé cristã, sabendo ocultar suas práticas da vigilância romana. Aliás, tendo pendores militares, alistou-se no exército romano, tendo servido sob as ordens do Imperador Marco Aurélio Carino, sendo nomeado por seu sucessor, o Imperador Diocleciano, chefe da primeira coorte dos pretorianos. Nasceu de família cristã, fora batizado na infância, e não cessou de prodigalizar a seus correligionários os princípios de sua fé, convertendo muitos soldados e até oficiais. Recebeu São Sebastião, posteriormente do Papa Caio o título de Defensor da Igreja.

Para seu azar, o Imperador Diocleciano, além de inimigo mortal do cristianismo, tendo ordenado feroz perseguição contra esta fé, que durou dez anos (288-308), era um perverso, e quis introduzir Sebastião em práticas nefandas, a que prontamente se recusou, alegando as virtudes cristãs.

Descoberta, portanto, sua fé, foi condenado à morte, sendo levado para fora das muralhas, amarrado a uma árvore e flechado. Entretanto, seus algozes já haviam antes sido convertidos ao cristianismo, e lhe fizeram ferimentos não fatais. Uma viúva, Irene, curou-lhe as feridas, recuperando-lhe a saúde. Sabendo que o Imperador deveria passar pelo Fórum de Roma, postou-se cedo aí, para censurar-lhe a crueldade e denunciá-lo seus crimes. O resultado foi ser preso novamente e fustigado a pauladas até expirar. Era o ano de 288. Morreu com 38 anos. Seu corpo foi lançado na Cloaca Máxima (esgotos de Roma), mas encontrado pelos cristãos que o sepultaram na catacumba que recebeu seu nome, em Roma. Mais tarde, foi transportado para a Basílica erguida em sua honra, próximo à Porta Capena, e parte de suas cinzas doadas pelo Papa Eugênio II à Abadia de São Medardo, de Soissons, em 288.

São Sebastião foi canonizado em 388. É geralmente invocado contra doenças contagiosas. Era patrono dos nicheiros (arco e flecha) e das confrarias de tiro ao alvo, bem como aos praticantes da arte da falcoaria (caça com falcões). Protetor dos homens convictos.

Sua festa é celebrada a 20 de janeiro, sendo este dia feriado no Rio de Janeiro.

MONUMENTO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS – LARGO DO RUSSEL – GLÓRIA

Em 1926, por ocasião do 7º. centenário da morte do egrégio servidor da humanidade, São Francisco de Assis, um grupo de brasileiros e patriotas, à frente dos quais Amaro da Silveira, ofereceu à Cidade do Rio de Janeiro a estátua desse santo, padrão das generosas aspirações sociais e merecido preito às grandes benemerências prestadas pelo catolicismo.

A estátua, a qual igualmente retrata Santa Clara, é obra do artista brasileiro Eduardo de Sá.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS – DADOS BIOGRÁFICOS

Francisco Bernardone nasceu na cidade de Assis, Itália, em 1182, filho de Pietro Bernardone Maricone, abastado negociante de tecidos; e de Joana, uma francesa que homenagearia a terra natal no nome do filho. Rapaz ainda, tornou-se sócio comercial do pai. Moço e rico, entregou-se aos prazeres mundanos. Cedendo cansou e sentiu o vazio da vida. Graças à educação e ao exemplo materno compreendeu o dever da caridade. Resignando aos bens terrenos (1203), buscou o cultivo do espírito segundo o “Evangelho” em toda a sua austeridade, praticando o bem. Procurou a solidão e entregou-se a fervidas orações. Isso acarretou-lhe a ira do pai que o maltratou fisicamente e depois, na presença do Bispo, obrigou-o a renunciar a todos os bens a que tinha direito por sucessão. Passou a viver de esmolas, pensou os leprosos, e cuidou de reparar, com as próprias mãos, as igrejas arruinadas pelo tempo. Isso se deu principalmente após ouvir (1206), de uma imagem de Cristo, a frase “Francisco, reconstrua minha casa”. Depois, esteve no Egito na propagação da fé.

Em 1209, fundou com três discípulos, a Ordem dos Irmãos Menores ou Franciscanos; em 1212, fundou a Ordem das Clarissas para mulheres, e, em 1221, a Ordem Terceira da Penitência para os leigos que quisessem praticar com mais observância as virtudes evangélicas.

Sua devoção à Paixão de Nosso Senhor era tão acendrada que mereceu a graça de ter os 5 estigmas de Jesus Cristo.

Francisco morreu no Convento da Porciúncula, em Assis, a 4 de outubro de 1226.

Sua reputação de santidade era tal que o Papa Gregório IX o canonizou dois anos depois da morte. É São Francisco de Assis uma das mais belas expressões do calendário agiográfico.

SANTA CLARA DE ASSIS – DADOS BIOGRÁFICOS

Clara Offreducci também nasceu em Assis, na Itália, em c. 1192, filha de pais ricos e piedosos. Desde menina era seu prazer rezar, fazer caridade e penitência. Contemporânea de São Francisco, a ele manifestou o desejo de abandonar o mundo, fazer voto de castidade e levar a vida na mais completa pobreza. São Francisco reconheceu nela eleita de Deus e ajudou-a a entrar para um convento. Mais tarde, em 1212, fundou com ele a primeira comunidade da Ordem Religiosa das Clarissas de que foi superiora enquanto viva. Sua convicção religiosa atraiu para a Ordem nobres de linhagem, como a Princesa Isabel de França; sua irmã Agnes e até a própria mãe.

Morta pouco depois de São Francisco, foi canonizada como ele e seu corpo não apodrecou, sendo venerado ainda hoje numa vitrine em seu convento, em Assis.

EDIFÍCIO SEDE DA MANCHETE - RUA DO RUSSEL, 804 - GLÓRIA

Trata-se de edifício construído em duas etapas (1966 e 1976), para sediar a Bloch Editores, concebido por Oscar Niemeyer a nível de estudo preliminar e desenvolvido pelo departamento de arquitetura da empresa. O projeto procurou adaptar o programa ambicioso ao terreno exíguo, definindo um bloco principal, com 12 pavimentos e subsolo que ocupa toda a testada do terreno, e um teatro situado nos fundos, ao qual se tem acesso pelo terraço/jardim ao nível do 3º. piso. A estrutura do bloco principal corresponde basicamente a três linhas de pilares, que configuram andares corridos organizados por divisórias de madeira e vidro. Em relação aos materiais empregados, o cliente fez questão de escolher todos os acabamentos, sem restrições econômicas.

ADOLPHO BLOCH – DADOS BIOGRÁFICOS

Editor e dono de rádio e TV, Adolpho Bloch nasceu em Jitomir, na Rússia, a 8 de outubro de 1908, numa tradicional família judia. Os Bloch, entretanto, passaram fome na Rússia bolchevista de Lênin. Em 1921, saíram de Kiev 17 membros da família, via Constantinopla, Nápoles e chegaram ao Rio em 1922. Adolpho, com 13 anos, foi procurar emprego com Horácio Láfer em São Paulo. Precisava de um salário de 120 mil réis para se manter e ajudar a família. Láfer tinha uma vaga de 60 mil. Adolpho agradeceu e voltou para o Rio. Em 1965, encontraram-se de novo, num almoço que Adolpho Bloch oferecia em sua casa de Teresópolis ao presidente do Banco Mundial, a vários ministros brasileiros, homens de negócios e autoridades. Láfer se espantou quando Adolpho recordou-lhe o episódio dos 120 mil réis. Naqueles 43 anos, ele criara a Bloch Editores, que tinha uma das maiores gráficas do País, editava a revista de maior tiragem, a Manchete, além de uma dúzia de outras revistas, como Fatos & Fotos, Ele & Ela, Amiga, fotonovelas, fascículos e livros, além de construir um prédio luxuoso, na Praia do Russel. Continuando sua expansão, o grupo adquiriu uma fábrica de tintas, emissoras de rádio FM, emissoras de televisão (Rede Manchete) e a histórica casa de Láfer em São Paulo.

A empresa de Bloch nasceu depois daquele encontro com Láfer, em 1922, quando a família resolveu montar uma pequena gráfica com uma impressora manual. O primeiro “grande” contrato: 100 mil pequenas folhas numeradas semanais para um banqueiro de jogo do bicho. Amigo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, de ministros, arfiteiro da alta sociedade nacional e internacional, Adolpho sempre manteve um estilo muito pessoal de marketing. Frase dele: “Os judeus perderam Jesus Cristo por falta de Marketing. Um homem como ele não se perde.”

Adolpho Bloch morreu em novembro de 1995. Era casado em segundas núpcias com Da. Anna Bentes Bloch.

CAFÉ GLÓRIA – RUADO RUSSEL, 734 – GLÓRIA

Antiga residência unifamiliar erguida em 1915/6, projeto aprovado a 11 de fevereiro daquele primeiro ano. A autoria dos planos foi do arquiteto e escultor Antônio Virzi. Era a moradia do industrial Gervásio Renault da Silveira, produtor do Elixir de Nogueira, cujo laboratório, na Rua da Glória, também foi projetado por Virzi na mesma época, mas foi demolido em 1976. Virzi, nascido na Sicília, era mestre do estilo art-nouveau, o qual deu um sentido unitário em suas obras, infelizmente quase todas demolidas.

Na sua proposta de tombamento, datada de 15 de janeiro de 1970, escreveu Lúcio Costa que: “...salvo a perda da pintura externa original, recoberta por caiçã creme uniforme e, provavelmente, da pintura interior primitiva, o prédio ainda está intacto, conservando inclusive os ferros batidos do exímio Pagani.”

Adquirido na década de 90 pelo Hotel Glória, foi restaurado às suas linhas primitivas e reaberto como um café.

O prédio é tombado pelo IPHAN.

EDIFÍCIO MILTON – RUADO RUSSEL, 710 – GLÓRIA

Foi projetado em 1929 por Adolpho Dourado Lopes e construído no ano seguinte por Gusmão, Dourado e Baldassini. Na fachada em estilo renascimento francês, a portada de mármore verde dá acesso ao amplo e luxuoso hall social. No térreo há depósitos e vestiários para banhistas. A planta tipo (do terceiro ao oitavo pavimento) reparte dois grandes apartamentos de duas salas e dois quartos, diferentes do segundo andar e do grande duplex da cobertura com oito salas e seis quartos.

EDIFÍCIO LAGE – RUADO RUSSEL, 300 – GLÓRIA

Projetado em 1924 por Ricardo Buffa e construído no ano seguinte pela Cia. Construtora Brasil para o amador Henrique Lage. Este edifício de gosto italiano tem amplos espaços internos de excelente solução arquitetônica, com ventilação natural em todos os compartimentos e circulações independentes para acesso social e de serviço. O pavimento térreo, escavado na rocha, abriga imponente hall de elevadores envolvidos pela escada.

HOTEL NOVO MUNDO - PRAIA DO FLAMENGO - ESQUINA DE RUA SILVEIRA MARTINS - FLAMENGO

Em 1950 ocorreu no Rio de Janeiro a Copa do Mundo, com jogos concentrados no estádio do Maracanã (inaugurado para este evento). Para abrigar os turistas de todo mundo, que assistiam a seleção do Uruguai ser consagrada como a melhor do mundo em cima de nossa equipe, foi construído, de 1948 a 50, o Hotel Novo Mundo, às margens da então Praia do Flamengo. O proprietário do imóvel era a família Fernandes, de portugueses, daí o nome. No local existiu anteriormente (1865) a residência senhorial da Baronesa de Geslin, depois convertido em escola para meninas. Dois dos quatro leões em ferro fundido da famosa fundição Val D'osne e que ficavam nas duas entradas do casarão hoje ornaram a portaria do hotel (os outros dois leões simplesmente sumiram!).

O aprazível Aterro do Flamengo, que atualmente encontra-se em frente ao hotel, somente foi inaugurado em 12 de outubro de 1965.

EDIFÍCIO SEABRA - PRAIA DO FLAMENGO, 88 - FLAMENGO

A utilização de elementos da linguagem toscana em edifícios com grande número de pavimentos é rara no ambiente carioca. Projetado por Mário Vodred em 1931 e concluído três anos depois, cada pavimento tem quatro grandes apartamentos, circulação social e de serviço independentes e assistidas por um conjunto de quatro elevadores. A distribuição interna das unidades, muito bem resolvida, permite amplas superfícies de fachada social para a rua e circulações de serviço avareçadas voltadas para o prisma interno. Foi o primeiro prédio do Rio de Janeiro dotado de incinerador de lixo.

EDIFÍCIO GUARABIRA - PRAIA DO FLAMENGO, 92 - FLAMENGO

Grande edifício de apartamentos projetado em 1953 pelos Irmãos Roberto (Marcelo, Milton e Maurício), esse prédio de linguagem moderna, incorpora uma fachada articulada, marca registrada dos projetos dos Irmãos Roberto no período, bem como elementos de plástico no fechamento dos vãos que dão para a rua. Foi o último projeto do famoso trio de arquitetos, que ficaria desfalcado com a morte de Milton naquele ano.

EDIFÍCIO PRAIA DO FLAMENGO - PRAIA DO FLAMENGO, 116 - FLAMENGO

Projetado em 1923 por Joseph Gire e construído por Eduardo V. Pederneiras para Otávio Guinle, também proprietário do Copacabana Palace Hotel (igualmente projeto de Gire), este imponente edifício adota da arquitetura francesa as suas referências de estilo: decoração Luís XVI, com cobertura em mansardas renascentistas. Vale notar a repartição dos dez andares em três porções bem delimitadas na fachada e o tratamento simétrico do conjunto e de cada face da fachada. O conjunto é luxuoso mas simples e contido.

CASTELINHO DO FLAMENGO - PRAIA DO FLAMENGO, 158 - ESQUINA DE RUA DOIS DE DEZEMBRO - FLAMENGO

Edifício eclético de linhas medievais italianas e forte presença na paisagem. Foi projetado em 1915 pelo engenheiro e arquiteto Francisco dos Santos para residência do famoso construtor português Joaquim da Silva Cardoso. Destaca-se pelo apuro decorativo e por sua torre alta, com telhado de ardósia. As grades com temas animalistas foram fundidas